

ENSAIO

UMA MALDIÇÃO ENCANTADORA CHAMADA CIORAN

A CURSE LOVELY CALL CIORAN

Louis L. Kodo

Universidade de Santo Amaro

Doutorando em Educação pela FEUSP

"Nada me repugna tanto como a
duda metódica. Dudar, de acuerdo,
pero únicamente cuando me venga en gana"¹

(Cioran)

Introdução

Homens são criados para a cegueira! Não ver o mundo e não enxergar a si mesmos parece-lhes um dom. A ilusão os move... desde sempre. Como se a vida pudesse ser algo além dela e nunca se bastasse com o seu ritmo lento, vazio, precário.

No entanto, o homem é um bicho acordado e nem mesmo nas noites mais sublimes consegue apaziguar o que sente... em seu peito. Desconfiado, mas tolo, ele segue impugnando o que pode abrir-lhe os olhos e deixá-lo aparentemente sóbrio. E em sua história seu maior esforço foi o de cobrir com desculpas o que sente ser a dureza da vida. E ele escapou? Ohhhhh!

Em algumas épocas ele até escondeu-se bem atrás de belas filosofias ou de deuses. Mas, em outras, por sua própria ação, percebe que as mentiras que elegeram não servem para guardá-lo e que à sua frente tudo se desfaz, chocando-se com o que sabe ser seu único lugar: um lugar de nada. E nessas horas, como se estivesse doente, mas, não é mais do que o homem feito em sua mais plena humanidade, sucumbe à tentação de ser ele mesmo... então, um animal feito dúvida. Dúvida? Se anda um pouco mais e toca a mais baixa das razões, não ser mais que um nada de nada, ou, se se mantém onde está, fingindo que o que sente não é mais que um sintoma de sua decadência e, portanto, que não deve ser dito... nunca.

Hoje, nosso momento é este, o da dúvida. Como se pudéssemos passar de um para outro lugar... o que não é verdadeiro. Não há passagens para o homem! Ele nunca poderá se afastar do que pertence. Poderá, sim, olhar para outro lado e fingir que ele é, a despeito dos outros seres, muito maior.

¹ Cioran, E. M. *Ese Maldito Yo*. Barcelona, Tusquets Editores, 2002. p. 141.

Nossa sorte é que existem pensadores, e mesmo pessoas comuns, que não nos deixam morrer... na ilusão. Por isso, 'uma maldição encantadora chamada Cioran'. Uma maldição encantadora porque seu pensamento nos obriga a desnudar nossas fantasias e a enfrentar o mundo sem desculpas. Com ele pressentimos a falsa aparência das crenças e um mundo de circunstâncias pequenas. Circunstâncias que parecem nos distanciar de algo que sabemos ser inevitável, mas que constantemente pressentimos sua autoridade.

Do que falo? Com Cioran, do que poderíamos ter caso assumíssemos o mundo como ele é. Se assim, constataríamos que a história não nos guarda de nada e que sobre todas as coisas, segundo cada coisa, repousa um espectro vazio, nenhuma questão a desenterrar, nada de provocativo. Com ele, aprenderíamos a passar pela existência de uma forma mais modesta, sem a presunção de perdas ou ganhos, sem a noção de glória ou fracasso... sem a necessidade de nos matar tanto – por trabalho ou por rusgas idiotas

I – O trágico em Cioran

Gosto de olhar Emile M. Cioran como um trágico às avessas. O que isso significa? Que afirma a vida depreciando-a; ataca suas estruturas, sempre apegado a elas. Um caminho contrário ao de Clément Rosset, que faz uma filosofia da afirmação, ou seja, da aprovação incondicional da vida. Mas... que se evite o erro de achar que Cioran não saboreia o acaso da existência! Falar todo o tempo sobre a existência é saber-se preso a ela, celebrá-la poeticamente, mesmo que para retirar suas arestas de sentido e deixá-la sem nada.

Saber-se trágico é, antes, sentir o trágico no mundo. Trágico? O desgosto de um reconhecimento e aí o grande prazer de se ver livre de tudo, de se sentir despossuído de qualquer mérito. Trágico é aquele que, por não temer seus olhos, deixa-os ir longe, sem podar-lhes a intensidade do que reconhecerão. Se se vai assim, tudo o que é grandioso cai, todo Deus seca, e toda crença se transforma numa brincadeira. E a vida que entra nesses olhos torna-se simples... de uma simplicidade assustadora.

Mas tudo que é simples, nós sabemos, pode corroer toda a suposta grande arte de se ser homem. E o homem, como uma figura que se quer distinta entre os próprios homens – porque alguns se veem em outro grau, senhores de uma alta cultura –, não admite encontrar-se com a realidade. É nesse ponto que o mestre Cioran não nos deixa acomodar. Sua linguagem é esmagadora... porque trágica. E, para Rosset, é trágico,

(...) o que deixa mudo todo discurso, o que se furta a toda tentativa de interpretação: particularmente a interpretação racional (ordem das causas e dos fins), religiosa ou moral (ordem das justificações de toda natureza). O trágico é então o silêncio. (...) Essa definição (...) recusa de saída todas as qualidades que foram, ao longo do tempo, mais ou menos vinculadas ao conceito de trágico: tristeza, crueldade, obscuridade, inelutabilidade, irracionalidade.²

Neste caso, algum exegeta de carteirinha poderia gritar: – Cioran era triste; então, não era trágico. Mas o que é a tristeza em Cioran? Num primeiro instante, o que chamaria de aproximação, de uma aproximação intensa com um mundo que se abre e ao mesmo tempo se quebra, pois que desvelado; num segundo, de uma depuração plena, porque verdades, ícones, símbolos sagrados e a própria natureza desaparecem para dar lugar à certeza de que nada é. Como ele mesmo diz,

² Rosset, C. *Lógica do Pior*. Rio de Janeiro, Espaço tempo, 1989. p. 65-6.

Acabamos sempre por constatar que nada é sólido, que tudo é infundado. Ceticismo ou supremacia da ironia. As raízes da dúvida são tão profundas quanto as da certeza. Aquela, porém, é mais rara, tão raro quanto a lucidez e a vertigem que a segue.³

Encontrar-se com o mundo – no instante em que fez Cioran –, não pode ser alegre. E ao empreender a depuração plena de sua máscara, o sentimento é o de que suas imagens idealizadas caem... o abandono se torna completo. É uma viagem solitária! E Cioran realizou isto muito jovem, entre os 9 e 16 anos... e, depois, por toda a sua vida. Triste? Claro... mas por alguns instantes, não como algo permanente. É triste saber-se enganado desde cedo por professores, críticos, mestres... por toda uma cultura. O sentimento? Creio que o de reconhecer-se numa outra pertença e de ser levado ao silêncio mais profundo de si mesmo para gerar a substituição de toda uma gramática.⁴ Foi o que Cioran fez...

Cioran escavou em si mesmo a medida desse silêncio. À pergunta de Sylvie Jaudeau – O senhor evocou há pouco um período de desespero profundo. Teve relação com o tormento religioso? – Ele responde:

Se não o tive diretamente, confirmou, porém a minha convicção de que tudo é vazio, nada. Entre 1920 e 1927, conheci uma época de mal-estar permanente. Errava todas as noites pelas ruas atormentado por obsessões fúnebres. Durante esse período de tensão interior, experimentei várias vezes o êxtase. Em todo caso, vivi instantes em que se é transportado para fora das aparências. Um pasmo toma conta da gente sem nenhum anúncio. O ser acha-se mergulhado numa extraordinária plenitude ou, antes, num vazio triunfal. Foi uma experiência capital, a revelação direta da inanidade de tudo. Essas poucas iluminações abriram-me para o conhecimento da felicidade suprema da qual falam os místicos. Fora dessa felicidade, à qual somos convidados excepcional e brevemente, nada tem verdadeira existência; vivemos no reino das sombras. Seja como for, não se volta o mesmo do paraíso ou do inferno.⁵

O que Cioran chama de místico, chamaria de 'a mais bela maldição': sentir o trágico de toda realidade. A partir desse sentimento, ele se encontra com a 'disciplina da esterelização'⁶ e nada mais pode sair de suas mãos. E detecta, de imediato, uma 'procissão de sub-homens'. Ele diz, Engajado fora de suas vias, fora de seus instintos, o homem acabou em um beco sem saída. Queimou etapas... para chegar a seu fim; animal sem porvir, atolou-se em seu ideal, perdeu-se em seu próprio jogo. Por haver querido superar-se sem cessar, paralisou-se; e não lhe resta outro recurso senão recapitular suas loucuras, expiá-las e fazer ainda algumas outras (...).⁷

Fora de seus instintos? Traduzo essa expressão de Cioran como a clara perspectiva de enxergar o homem como um animal que luta para se afastar do que sente e, sobre o que sente, men-

³ Cioran, E. Entrevistas - Com Sylvie Jaudeau. Porto Alegre, Sulina, 2001. p. 23.

⁴ Gramática - "A organização articulada de uma percepção, uma reflexão ou uma experiência; como a estrutura nervosa da consciência quando se comunica consigo mesma e com os outros". in: steiner G. Gramáticas da Criação. São Paulo, globo, 2003. p. 14.

⁵ Cioran, E. Entrevistas - Com Sylvie Jaudeau. Porto Alegre, Sulina, 2001. p. 16.

⁶ Cioran, E. Breviário de Decomposição. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. p. 126.

⁷ Idem. p. 175.

tir. Fora de seus instintos o homem sucumbe em sua história, cheia de paisagens ilusórias e de figuras supra-humanas, que carregam um 'quê' de ruptura com a vida.

Em Cioran, o trágico beira o caminho do inferno, um inferno humano, próximo de uma dívida impagável, que procuramos insistentemente saudar, mas que por mais que nos esforçamos jamais conseguimos. Como ele diz: "Cada vez que veo a un mendigo borracho, sucio, alucinado, apestoso, tumbado con su botella en la acera, pienso en el hombre del mañana ensayando su final y lográndolo perfectamente".⁸ Essa é a dívida: não poder escapar de um mundo tão comum e tão ordeiro – mesmo que se manifeste possíveis ondas de atribulações.

Beirando esse caminho, encontro em Cioran uma medida trágica muito cara: a ideia da repetição indefinida do mesmo, no mesmo de sempre, não na diferença. Gosto de sentir que o que chamamos de diferença para apresentar épocas ou homens, não é nada mais que ruído... um ruído de nada, que mesmo esboçando uma aparência de corte – entre épocas e pessoas –, nada acrescenta. E se se pode argumentar que em dados períodos históricos os homens se fazem outros, melhorando ou decaindo ainda mais, a simples querela das aparências não substitui a aparência real do que se tem: o vazio de se ser homem e ser sempre o mesmo. E é neste ponto que as diferenças caem e toda possível esperança num outro amanhã desaparece. E como mendigo ou um suposto homem virtuoso, nada ocorrerá de diferente, somente o retorno de todos os gonzos que giram num mesmo compasso... agora e sempre.

Diante desse compasso, como afirma Catalina Dobre,

Cioran queima-se por dentro; seus pensamentos ardem mais intenso fogo e assim nascem as palavras. Com cada pensamento Cioran faz a mimese do suicídio, com cada palavra se nasce de novo e assim o ato de escrever é morte e vida ao mesmo tempo. Mas, sobretudo, Cioran quer "re-nascer" procurando um novo sentido na poesia, a única que o pode salvar: "poesia expressa a essência do que não se pode possuir. Sem a capacidade de salvar-se, para o poeta tudo é possível, menos deixar de viver" (Breviário de Podredumbre).⁹

II – Uma mentira de pernas curtas

Há entre nós um clamor comum pelo essencial! Como para Alçada Baptista, que diz: "Pressinto que continuamos fora do essencial e que as razões das circunstâncias – que, muitas vezes, são poderosas e reais – só servem para nos afastar dos enigmas que estão à frente das coisas e que nos caberia decifrar".¹⁰ A esse clamor, uma imaginação fértil, portadora de enigmas, celebrada como um substrato de algo que não sabemos o que é... mas que aparece como uma suposta referência do que é maior.

Mas o homem, em conformidade com o mundo, ajusta-se ao seu falatório, fingindo que acredita em alguma coisa. Esse fingir lhe é vital! E com o corpo prostrado sobre crenças tradicionais – religiosas ou não –, aparenta obedecer às regras, seguindo as manias de seu tempo. E realiza, por essa compreensão, um caminho contrário ao de Alçada, mostrando-se como senhor de causa nenhuma, deixando-se às razões das circunstâncias. E é aí, dobrado por essas razões, que ele toca na linguagem de Cioran, sem conhecê-la, e postula uma linguagem que se opõe aos grandes enigmas, aceitando que diante de qualquer situação a melhor das razões não é a que sabe

⁸ Cioran, E. *Ese Maldito Yo*. Barcelona, tusquets Editores, 2002, p. 79.

⁹ Dobre, C. E. *Emil Cioran e a Experiência Existencial da Escrita*. p. 85 in: Redyson, D. (org.) *Emil Cioran e a Filosofia Negativa: homenagem ao centenário de seu nascimento*. Porto Alegre, Sulina, 2011.

¹⁰ Baptista, A. *Alçada*. O Riso de Deus. Rio de Janeiro, Nordica, 1994. p. 13.

ser maior do que aquilo que ela designa, mas a que se apequena, não diz muito sobre qualquer experiência... mas diz muito sobre dado efeito.

O sentido que Cioran dá à vida é tão simples que ele acaba por entrincheirar-se complexo. E essa complexidade não está na sua escrita, mas na sua crua interpretação da vida, então dura, sempre um fracasso. E trata-se de desvio, de um desvio de entendimento, o que faz a maioria afastar-se dele. Porque compreendê-lo é sentir-se provocado a desnudar todos os motivos e saber, ainda que pensado o mundo, que não se tem muito para fazer, a não ser seguir vivendo.

Sem Cioran, vamos à vida com uma retórica 'meia-boca', enfrentando o que sentimos – mas que não conseguimos traduzir – com uma vontade de burlar o que carregamos como obrigação: viver. Se a maioria de nós tocasse em Cioran aprenderia que toda síntese é um engenho de artistas; que toda síntese depende de um esforço doentio ou de uma atividade compulsiva, que nos leva a responder à patologia do mundo e, sobre o fluxo de certas verdades, a apreender esse mesmo mundo e situá-lo. Uma síntese, neste caso, como uma modalidade mentirosa. Essa modalidade é o sonho da maioria dos intelectuais – de qualquer área –, que deseja essências e quer fabricar o mundo sobrepondo-lhe uma outra coisa... não o mundo. Como se conseguisse apaziguar forças incomuns e esvaziar, por tanta crença que atribuiu ao mundo mesmo que desfigura, o próprio nonsense do que se tem como existência. Por isso as sínteses fracassam... por isso esses tipos não são livres. Como para Cioran, "No existe mayor obstáculo para lograr la liberación que la necesidad del fracaso".¹¹ E o fracasso, creio, é o caminho derradeiro de um vício que estabelece como fim cercar o mundo com epistemes e, como salto, crer que se tem em mãos a estrutura desse mesmo mundo. Novamente: nada podemos sobre a liberdade. Sem que se admita, como Cioran, que "Sou uma criatura sem sentido mas não lamento sê-lo"¹², e que "não existe neste mundo nenhum critério válido e nenhum princípio consistente"¹³, tudo o que se elegerá como êxito, ao contrário, trará o fracasso.

Estamos diante de uma existência sem qualidades... mesmo com com tantas gramáticas. A existência? Como para Clemént Rosset,

(...) é, pois, muito precisamente nada. Nada, isto é: nenhum dos seres concebidos e concebíveis; nenhum dos seres recenseados até esse dia figura no registro do que o pensamento do acaso admite a título de existência. É forçoso, pois, excluir da existência a própria noção de ser. Exclusão que não revela de uma interdição de princípio, mas de uma constatação empírica: o que é excluído da existência não é, propriamente falando, a noção de ser, mas antes, a coleção completa (e necessariamente provisória) de todos os seres pensados até o presente.¹⁴

Tocá-la? Deixando que a existência flua em nós e que o trágico fale, mesmo às avessas. Como para Vladimir Jankélévitch,

La aparente incompatibilidad de los principios, en cuyo acercamiento reside lo trágico de la existencia, se resuelve en una síntesis irreductible y simple que cada uno de nosotros puede experimentar en el fondo de sí mismo y que escapa al análisis abstracto del experto en lógica.¹⁵

¹¹ Cioran, E. *Nos Cumes do Desespero*. São Paulo, Hedra, 2006. p. 103

¹² *Idem*. p. 103.

¹³ *Ibidem*. pp. 62-63.

¹⁴ Rosset, C. *op. cit.*, p. 103.

¹⁵ Jankélévitch, V. *Georg Simmel, Filósofo de la Vida*. Barcelona, Gedisa, 2007. p.83.

II

Tudo em conformidade com um mundo... de crenças! E que não se pense que a imaginação que deseja essências está morta. Nada está morto ou fora da esfera monumental de nossas crenças. Pouca espontaneidade, nenhum giro interrogando-se livre, nenhum pronunciamento a mais ou além de um tempo muito específico. Todos falam de mundos possíveis, de assuntos e temas que resultam do calor do momento, ou seja, "quando chega a hora de uma ideologia, tudo contribui para seu êxito, até seus próprios inimigos".¹⁶ Por isso toda resposta é uma resposta circunstancial, um enunciado momentâneo que se prende às condições de expressão de uma história em um dado percurso dessa mesma história. E não podemos esquecer que nessa história, poucos se dão às crenças como a razão de suas vidas. Aquele que crê não crê realmente no que crê... essa base é humana. Para passar a vida satisfatoriamente, o homem faz de sua crença uma ferramenta para jogar com o que necessita para vencer ou adaptar-se a qualquer situação. Por isso, todo mestre ou guia de uma crença blefa. Crê sem crê... realmente. Basta observar que não conservamos, para sobreviver, nenhuma fé, nem em nós mesmos. Como diz Cioran,

Para que pudéssemos conservar a fé em nós mesmos e nos outros, e para que não percebêssemos o caráter ilusório, a nulidade de todo ato, a natureza nos fez opacos a nós mesmos, sujeitos a uma cegueira que gera o mundo e o governa.¹⁷

E se alguém, então, não quer examinar o mundo a partir do mundo mesmo que reconhece, a sua dúvida o levará a se igualar – segundo iguais que não rejeitam a verdade que impera numa dada hora – a profundos doutrinadores, à maioria dos homens que deseja aderir a um mundo sem as identidades do acaso e do nada. E tudo isso para escapar do que significa viver. E viver, segundo Cioran,

(...) significa: crer e esperar, mentir e mentir-se. Por isso a imaginação mais verídica que já se criou do homem continua sendo a do Cavaleiro da Triste Figura, esse cavaleiro que se encontra mesmo no sábio mais realizado. O episódio penoso em torno da Cruz ou esse outro mais majestoso coroado pelo Nirvana participam da mesma irrealidade, ainda que lhes tenha reconhecido uma qualidade simbólica que foi recusada depois às aventuras do pobre fidalgo. Nem todos os homens podem ter êxito: a fecundidade de suas mentiras varia... Tal engano triunfa: disso resulta uma religião, uma doutrina ou um mito – e uma multidão de fiéis; outro fracassa: não passa então de uma divagação, de uma teoria ou de uma ficção. Só as coisas inertes não acrescentam nada ao que são: uma pedra não mente: não interessa a ninguém – enquanto que a vida inventa sem cessar: a vida é o romance da matéria.¹⁸

Já afirmei em uma outra obra¹⁹ o quanto é necessário brincar com certas crenças. Mas o que tenho observado desde então é que o homem, mais frágil do que nunca e por isso mais tolo, tem aceitado com muito mais fervor seus absurdos e, deliberadamente, deixando-se à exposição das crenças mais vis.

¹⁶ Cioran, E. História e Utopia. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 117.

¹⁷ Cioran, E. M. História e Utopia. p. 79.

¹⁸ Cioran, E. M. Breviário de Decomposição. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. p. 92.

¹⁹ Kodo, L. L. A Consciência do Feio. No prelo.

Novamente: tudo em conformidade com o mundo! Então, uma lógica grandiosa de solicitações, que encerra o mundo como um corpo de alvos simbólicos. Eles: o que pode ou não ser acessado; eles, o domínio do que é saudável ou execrável; eles, o que é vulgar ou nobre; eles, o que vai nos salvar ou nos conduzir à queda; eles, o que nos abriga ou nos desaloja; eles, sua transcendência ou a sua razão mais baixa; eles, um modo de se aproximar dos céus ou descer ao inferno. Eles? Todas os dogmas malditos...

Nenhuma memória nos desobrigará de nossas crenças! MAS, HÁ MEMÓRIAS E MEMÓRIAS. A única coisa que podemos, em conformidade com as crenças é – se conseguirmos olhar o que elas guardam – reconhecer o quanto delas em nós é crença e, como crença, anda, diz, come, treme, zanga, chora ou quer nos destinar. E se as reconhecemos, habituando-nos a elas, podemos chegar a meter-lhes o acaso e a pousar sobre seus sonhos o que nunca vimos ou esperamos do mundo: qualquer coisa. Ou, como o mestre Cioran, "No habiendo sabido nunca lo que busco en este mundo, sigo esperando a quien pueda decirme lo que busca él".²⁰

Condenados às crenças? Sim... mesmo que trágica.

Ajeitando-se num ou em outro lugar? Sim... mesmo que absurdo.

Apelando a uma ou outra história? Sim... mesmo que vazia.

III

Sempre adotamos nomes para afirmar posições e guardar um assentamento. Cioran, um pessimista; Nietzsche, um desconstrutor; esse e aquele outro, essencialistas... e assim seguimos. E fazemos o mesmo com tudo mais, porque acreditamos que ao pronunciar um nome tocamos na coisa mesma que representamos.

Mas é preciso cuidado! Existe um só mundo e não podemos quase nada sobre ele. O que existe, e nós nos incluímos aí, não tem qualquer sentido, a não ser ter fome; passar por ele é estar obrigado a algo, até mesmo a pensá-lo. E mesmo pensando-o, nada podemos acrescentar, porque a despeito de todas as nossas arguições, ele segue, sempre o mesmo, sempre num movimento estranho a todos. Por isso, nada há de errado sobre ele, nem mesmo os gestos mais horrorosos. Sua lógica – se é que ela existe – alimenta todas as possibilidades, como se abrigasse em todas as suas porções o senso de sobreviver... a qualquer preço. É por nos cutucar como nada que a vida nos parece desesperada! Porém, se a vida não é nada, como ela pode nos desesperar? Ora, a vida não nos desespera! O que nos desespera é a complexidade que damos a ela. São as exigências de uma dada cultura que vem roubar-nos a própria vida, nos assentando em obrigações 'vagabundas' que podem nos colocar 'nos cumes do desespero'.

As experiências históricas, com seus traumas e disparates, imprimem um olhar em nós... e ele pode pesar e pesar muito. Cioran experimentou esse olhar! Ele viveu em um século atribulado, carregado de desastres. Mesmo assim, sabe-se lá por qual ímpeto, foi capaz de pensar tudo que traspassou-o e de revirar os nomes mais pesados de uma gramática. Desapegando-se de um mundo e aproximando-se de outro, elevou-se à condição de filósofo e, como um filósofo, experimentou a dúvida, que depois desejou espalhar:

Queria espalhar a dúvida até nas entranhas do globo, impregnar com ela a matéria, fazê-la reinar onde o espírito jamais penetrou e, antes de alcançar a medula dos seres vivos, sacudir a quietude das pedras, introduzir nelas a insegurança e os defeitos do coração.²¹

²⁰ Cioran, E. M. *Ese Maldito Yo*. Barcelona, Fabula Tusquets Editora, 2002. p. 135.

²¹ Cioran, E. *Breviário de Decomposição*. p. 153.

Tranquilidade? Quem teria tranquilidade nessa explosão? Sentir a queda do mundo, ver-se separado de todos os nomes/sentidos, parecer um desertor... não deve ser tranquilizador. E uma suposta obra civilizacional, como um monumento que cresce e se desfaz em nós, nunca nos deixa. Fica-se para sempre com as marcas de uma performance que não mais se admite, mas que não deixa de atormentar àquele que um dia prendeu-se a ela. Tanto que ele diz: "No sé qué sed diabólica me impide romper mi pacto con mi aliento".²²

O que o torna único é que não há ilusão em seu olhar. E mesmo se ele tivesse vivido num meio de crenças frágeis, sob um sol despudorado e sempre apaziguado por uma calma qualquer, ainda assim Cioran seria Cioran. E feito à imagem de seu século, e experimentando uma ironia poderosa, entremesclada por promessas comunitárias ou facistas ou republicanas, todas elas autoritárias, ele se fez trágico... e viu. Trágico? Quando "liquidam-se os sentimentos ao se buscar-lhes os meandros, assim como os ímpetus, se se espia sua trajetória".²³

Um estranho no âmbito de nossas produções? Não! Mas um sujeito que mantém suas mãos tão próximas do mundo, tão impregnadas dele, que a sua sonoridade pode apavorar os desavisados, principalmente os moralistas. Como ele diz:

Nas antípodas da ingenuidade, da existência integral e autêntica, o moralista esgota-se em um vis-à-vis de si mesmo e dos outros: farsante, microcosmo de segundas intenções, não suporta o artifício que os homens, para viver, aceitam espontaneamente e incorporam à sua natureza. Tudo lhe parece convenção: divulga os motivos dos sentimentos e dos atos, desmascara os simulacros da civilização; sofre por havê-los entrevisto e superado; pois os simulacros fazem viver, são a vida, enquanto que sua existência, contemplando-os, perde-se na busca de uma 'natureza' que não existe e que, se existisse, lhe seria tão estranha como os artifícios que se acrescentam a ela.²⁴

A filosofia de Cioran? Uma maldição encantadora para deixar debaixo do travesseiro e sempre, ao menor descuido, ser aspirada... com ácaros e prazer. Ela abre em nós um itinerário sem volta, porque, se observado o mundo por seu filtro, nenhuma réplica ou velcro servirá para escondê-lo. E, se se vai tratá-lo com seu peso ou, com alegria, é uma questão de escolha do sujeito. E, diante do trágico, como quer Almeida,

(...) há três escolhas possíveis, escolhas existenciais decerto, mas que modificam o próprio modo como a vida é vivida. Ou se escolhe recusá-la, o que significa a opção pelo suicídio; ou se escolhe aprová-la provisoriamente, sob determinadas condições, o que significa opção pela ilusão; ou se escolhe aprová-la integralmente, escolha trágica, que obriga a aceitar tudo o que faz parte da vida, mas que assegura também a alegria, o prazer, o gozo de viver.²⁵

Assim como Lucrécio, Gracián, Bergerac, Rosset etc., o pensamento de Cioran ocupa um lugar menor no campo de nossos interesses. E esse procedimento de deixá-lo de lado, nada alea-

²² Cioran, E. *Ese Maldito Yo*. p. 42.

²³ Cioran, E. *Breviário de Decomposição*. p. 159.

²⁴ *Idem*. pp. 158-9.

²⁵ Almeida, R. *O Trágico em Machado de Assis: uma pedagogia da escolha*. In: FERREIRA-SANTOS, Marcos & GOMES, Eunice Simões Lins (org.) *Educação & Religiosidade: imaginários da diferença*. João Pessoa, Ed. Universitária UFPB, 2010. pp. 185-215.

tório, serve como desenho para que certos nomes se mantenham²⁶ e sirvam – como tão bem o fazem – à causa da maioria: conservar sua energia. Uma maioria que procede em queda? Não! Mas uma maioria que necessita para sobreviver escolher um mundo cheio de crenças... e aceitar que a liberdade, seja ela o que for, sempre está ali à espera para ser possuída. Como se soubesse, como para Cioran, que "El hombre es libre, salvo en lo que posee de más profundo. En la superficie, hace lo que quiere; en sus capas más oscuras, 'voluntad' es un vocablo carente de sentido."²⁷

Lendo suas obras ao longo dos anos, vou utilizando-as como um bom colírio e, quando tropeço em algo que possa me desviar do caminho, sinto-me guardado por seu nome e rio por sentir que a existência, muito além de mim, não foi minha escolha... e isso me traz alegria.

O Autor:

Louis L. Kodo é o pseudônimo de Louis José Pacheco de Oliveira, doutorando em Educação pela FEUSP, onde fez seu mestrado. É professor adjunto-II da Universidade de Santo Amaro e pesquisador do GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura) da FEUSP. Atua nas áreas de Educação e Filosofia, com pesquisas sobre Pós-Modernidade, Teoria do Sujeito, Filosofia Trágica, Itinerários de Formação e Pedagogia da Escolha. É autor de *Simplicitate*, *Dos Homens*, *Blefe: o gozo pós-moderno* e *Coisa*

²⁶ Esses nomes: de pensadores que construíram sistemas, como Aristóteles, Hegel, Marx, Husserl etc.

²⁷ Cioran, E. *Ese Maldito Yo*. p. 14.